Da Meditação

Interna das Palavras

 Venceu a toda a antiga filosofia a meditação moderna da virtude intrínseca das palavras, a qual, segundo esta nova especulação, pode achar-se em qualquer sinal exterior, porque tão enriquecidos nos deixou a natureza. E assim como para tirar água de um poço, pelo instrumento de uma nora nos servimos de vasilhas de barro, e o mesmo uso tiveram se as fizermos de pau ou de qualquer metal, da mesma maneira diremos que para tirar do profundo de nosso peito quaisquer conceitos, como ordinariamente nos servimos de palavras em que haja força e aptidão idônea, para que em virtude delas demonstremos nossas paixões à prática e uso exterior; assim também proveu a natureza de outros sinais, em cuja virtude pudéssemos obrar o próprio efeito; porque quando por relaxação dos idiomas, ou outra qualquer impossibilidade nos não soubéssemos declarar por palavras, ficassem estes sinais como fiadores e intérpretes invencíveis de nossos interiores contra qualquer dificuldade e impedimento.

 João Paulo Bonet, de nação catalã, raríssimo engenho de nossos tempos, filosofou tão profundamente nesta matéria, que parece excedeu os limites do engenho humano, achando aquela estupendíssima arte de ensinar a falar os mudos, coisa nunca antes vista no mundo, e quando conhecida, admirável: a qual arte e sua esquesita doutrina corroborou logo com alguns atos práticos dela, como eu vi e muitos outros viram e ouviram; vendo e ouvindo na Corte de Castela falar e entender mui levemente o Marquês de Villanova, segundo filho do Condestável daquela Coroa, avô Del-Rey nosso Senhor. Este Marquês havia nascido e vivido mudo e surdo (como o são todos os mundos de nascimento), e pelo vigor desta notável disciplina, falou e escreveu; viveu explicando-se com inteligível pronunciação, e boa escritura, em fino romance castelhano. E porque este nobilíssimo invento de João Paulo Bonet se não perdesse com sua vida da memória dos homens, escreveu dele o próprio autor um livro, que eu tenho em minha livraria e foi impresso em Madrid por Francisco Abarca no ano de 1620, cuja doutrina, assim na especulativa como na prática, muito melhorou depois Dom Luís Ramires, que a João Paulo sucedeu em seu difícil ministério e magistério do qual também vimos e ouvimos melhorados efeitos em dois discípulos que, à imitação do primeiro, falaram e escreveram, como foi Carlos, filho primogênito do Príncepe Thomas, e o Marquês de Priego, e agora Duque de Feria, que sendo ambos mudos de nascimento, chegaram a falar com a expedição necessária para serem entendidos em virtude desta máxima ciência simbolatória que em muitas partes convém com a arte cabalística.

 Mostra-se bem por este tão verificado exemplo como podemos considerar nas palavras corpo e espírito; havendo por corpo aquele tom com que as proferimos; e por espírito, aquele valor intrínseco, ou aquela virtude ativa que nelas há para produzirem o efeito da significação em quem as ouve; a qual virtude forçosamente há de existir nelas. Porque, como esta afirmação Sim tenha valor irrevogável para conceder, e esta negação Não tenha outro semelhante valor para negar, no zunido e pronunciação da tal palavra pode haver diferença, que é o que se assina por corpo dela. Mas aquele ato interno da vontade, pelo qual negamos e concedemos, necessita de algum instrumento para que se declare; e esse tal ato interno de afirmativa ou negativa podemos dizer é o espírito da palavra, Sim ou Não, que de diferentes idiomas, como hábitos poderá vestir-se. Soe embora a palavra diferentemente aos ouvidos, segundo a variedade dos idiomas em que se proferem, que sempre será uma em seu espírito. Porque como seja certo, que *Ex abundantia cordis os loquitur*, quando a boca tem impedimento, busca a natureza modos de exprimir suas paixões, da mesma maneira que um rio, se atalham sua corrente, busca logo outro caminho por onde deságüe.

 A este propósito é memorável, mais que verossímel, a história de que faz menção o Conde Dom Pedro no seu livro das Linhagens, onde se conta como havendo nas praias de Galiza saído à terra uma mulher marinha e tendo com ela ajuntamento um homem, veio dele a conceber e a parir um filho, o qual, sendo por ira do pai uma vez ameaçado com a morte, foi tão grande a dor da mãe, que rompendo à natureza os laços da impossibilidade, articulou voz humana e defendeu o filho com palavras e ações; em a qual história funda o apelido de Marinhos. Desta própria opinião participaram os antigos, segundo se lê nas histórias; onde se escreveu que havendo Cyro, rei dos persas, conquistado a cidade de Sarda, sucedeu que entrando em soldado dos vencedores no aposento de Cresso, rei da Lídia, que se achava à defesa de Sarda, indo para o degolar e achando-se ali um seu filho mudo de nascimento, venceu as dificuldades que o impediam pela força da compaixão, e falou ao soldado, pedindo-lhe que não matasse a seu pai, que era rei inocente. Mas porque essa eficácia intrínseca das palavras se vê melhor na música, diremos alguma coisa dela.